

Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXV | #154 | mar/abr 2017



**RIO DOCE
ESPINHAÇO - MG**

**ESCALANDO A
PEDRA AZUL - ES**

**COMO ASCENDER
CORDAS FIXAS**

MONTANHISMO

TRADICIONAL

ESCALADA

MOUNTAINEER 40+5 L

É hora de tirar a mochila DO ARMÁRIO!

MOUNTAINEER 40+5 LF
LADY FIT

REVENDEDOR AUTORIZADO EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

VELOX257 Ultra Resist CORDURA YKK DRY SYSTEM cooling chamber

CONHEÇA OUTROS PRODUTOS EM WWW.CURTLO.COM.BR

Aonde você for!

Facebook Instagram YouTube Pinterest /curtlobr

Internacional

Carlos Soria, conhecido montanhista espanhol, completou 78 anos em 5 de fevereiro deste ano e nesta data comemorava a estréia de sua biografia: "Carlos Soria. Alpinista." Segundo Pedro Nicolás, outro alpinista, Carlos é um grande coração da montanha, vivendo uma vida essencial e autêntica sendo inspiração e sabedoria literária.

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Quando da entrevista coletiva, Carlos entregou o que seria a chave do desprendimento e da realização pessoal. Pensamentos que podem tentar responder algumas perguntas insistentes, vez ou outra pairantes em nossa cabeça como: seremos, faremos ou teremos o quê quando "crescermos"? Cresceremos? E daqui a dez anos? Onde chegaremos e pra onde iremos? Será que fizemos as escolhas certas ou seríamos mais felizes por outros caminhos?

O experiente da montanha resume em frases uma busca importante por dormir bem e viver com serenidade:

...não olhe para trás e não se arrependa do seu passado

...tente encher a sua vida de momentos significativos e se preocupe com eles, e não com o que não viveu

...não se deixe paralisar pelo improvável e não deixe de agir com imagina-

ção e valentia

...aprenda a envelhecer de maneira diferente de seus pais e faça o que queira, mas não deixe de buscar o apoio de sua família e dos que amam, tudo terá um gosto diferente...

Completa ainda dizendo que poderia ter sido um bom pai, ou poderia ter sido mais culto e que talvez tenha sido um pouco egoísta na montanha...mas não me arrependo.

O não arrepender-se significa não só viver bem com suas escolhas como também contentar-se com elas. Carlos percebe situações, oportunidades e presentes que não aproveitou mas consegue valorizar o que teve, por isso resume a felicidade. Um sem número de gramados mais verdes e melhores se descortinam em nossas vidas reais e virtuais e cabe a nós valorizar e sorrir nosso jardim. Olhar outras cidades, viagens, perspectivas, projetos e um sem fim de personagens ou papéis que poderíamos ter sido ou conhecido

nos torna terrivelmente insatisfeitos e infelizes. O agora é um presente e precisamos parar um pouco e aprender isso. É só o que temos. Olhar pouco para o seu passado e encarar o futuro com valentia, sendo, como ele disse, egoísta, não é não se importar com o outro, mas sim, importar-se verdadeiramente com o que somos e sentimos naquele momento, o que verdadeiramente sentimos como nosso. Para não culpamos os outros de nossas decisões, escolhas e abdições. Planejar novos projetos, treinar, economizar dinheiro, tudo é válido, importante, vislumbramos e aspiramos acontecimentos. Mas vivendo esperando que eles aconteçam é no mínimo perder tempo. Esperar o acontecer para sorrir. Para se realizar. Preciso esperar os filhos crescerem. Preciso passar em um concurso. Meus pais são velhinhos. Preciso escalar nono grau. Preciso ter alguém que me acompanhe. Preciso primeiro ter dinheiro para minha casa



Carlos Soria

própria. Carlos nos mostra que nem a idade é impedimento para escalarmos nossa montanha. Sua paixão, comprometimento, disciplina e superação nos mostra que em todas as fases de nossa vida podemos ser quem quisermos. Tudo está ao nosso alcance e nada é culpa de ninguém a não ser de nós mesmos. Sempre poderemos ter planos e sonhos, e eles sempre estarão ali, ao alcance de nossas mãos e ao alcance de nossa real vontade de ser realmente feliz.

TRILHAS & RUMOS
A SUA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

MOCHELA CAMPUS NET 2
TODA EM LONA DE NAILON REFORÇADO, COM ALÇAS ANATÔMICAS E ALÇA DE MÃO PARA TRANSPORTE. PERFEITA PARA A TRILHA OU PARA O DIA A DIA.

MOCHELA CAMPUS 31
RESISTENTE, CONTA COM BOLSO FRONTAL COM DIVISÕES PARA CELULAR, DOCUMENTOS E ITENS PESSOAIS E CONTEM CAPA DE CHUVA EMBUTIDA PARA PROTEÇÃO.

ABRIGO TRILHAS WIND
PROTEGE DO VENTO E DA UMIDADE COM CONFORTO. IDEAL PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE, BIKE OU MOTO E OCUPA POUCO ESPAÇO.

MOCHELA CRAMPON 50
ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

MOCHELA CRAMPON 40
SUAS ALÇAS MAIS RÍGIDAS GARANTEM UM MAIOR CONFORTO E PODE SER UTILIZADA TANTO EM TRILHAS COMO NA IDA AO TRABALHO OU FACULDADE.

BARRACA FLASH 2
LEVE E PRÁTICA, COMPORTA ATÉ DUAS PESSOAS E TEM RESISTÊNCIA DE 2.000MM DE COLUNA D'ÁGUA.

SACO DE DORMIR ESSENCE
CONTA COM EMBALAGEM ACOPLADA, QUE SERVE DE BOLSA DE TRANSPORTE E TAMBÉM COMO TRAVESEIRO. IDEAL PARA BAIXAS TEMPERATURAS.

ARMA EM ALUMÍNIO P/COTA 2
CONJUNTO COMPLETO DE ARMAÇÃO EM ALUMÍNIO PARA A BARRACA COTA 2 (TOTAL DE 10 SEGMENTOS)

TRILHASRUMOS WWW.TRILHASRUMOS.COM.BR 21 2742-9652

VISTA SUA LIBERDADE

www.solo.ind.br

SOLO



Questão de bom senso

Texto e imagem: Roni Andres

Quem nunca fez um comentário sobre a conquista de uma via, tipos de proteções, posicionamento, distância entre as chapas, aproximação do setor, trilha e etc? Que atire a primeira pedra! Em primeiro lugar, falamos do sujeito em questão: o conquistador que quase sempre recebe mais críticas do que elogios, é aquele que para o carro quantas vezes for necessário a caminho da falésia, mesmo a contragosto dos amigos que não veem a hora de escalar, quer analisar cada pedaço de rocha existente no caminho, mesmo de longe, pra isso leva sempre consigo um pequeno binóculos ou luneta.

Até mesmo quando está na falésia olha pra todos os lados, procurando sempre uma nova possibilidade de via, uma variante nova, quem sabe até uma parede escondida por perto, beiram a compulsão. Só não conquista mais por causa do valor das proteções e porque não consegue dividir o dia em mais de 24 horas...risos. Parece um exagero, eu sei, mas quem conquista ou conhece um desses "malucos" sabe exatamente do que estou falando.

Não é fácil achar um novo setor, é necessário estar sempre disposto a se embrenhar em lugares estranhos, de difícil acesso, as vezes com longas aproximações e o pior, sem a certeza de que aquele pedaço de rocha possa tornar-se um dia uma falésia. Mas com um pouco de sorte a "brincadeira" começa.

Serão horas de "jardinagem" limpando a parede, a base e preparando a trilha. Outras tantas de sobe e desce numa corda pra achar o melhor lugar para a instalação da chapeleta, pendurado em cliffs com o corpo todo torto querendo alcançar a rocha pra fazer o furo. Hoje, a evolução nos permite usar furadeiras com grande autonomia, mas pra quem não sabe existiu o período do furo a mão, com aquele batedor improvisado (broca martelada pra dentro de um pedaço de nylon que fazia a função de punho). Lembro com certa nostalgia desse período, não pelas tantas marteladas nas mãos, mas sim porque cada pedaço de uma via era conquistado com muito trabalho e não de maneira sequencial de

hoje, mas como disse antes, é a evolução...

Voltando ao nosso amigo conquistador, ele não será pago pelas horas de trampo, combustível do carro, equipamentos, etc. Se for um cara de sorte, pelo menos receberá as chapeletas e chumbadores de uma associação bem organizada ou um patrocinador, caso contrário, será mais um gasto do próprio bolso.

Em segundo lugar e muito importante, é o respeito pelo meio ambiente, alguns conquistadores são bem mais ligados com a preservação do que outros. Sabemos que é impossível manter o lugar como era antes. Por si só uma nova falésia causa certa agressão, mas isso não quer dizer desmatamentos desnecessários, trilhas que mais parecem uma avenida ou diversas trilhas que levam ao mesmo lugar. Penso que podemos e devemos manter da melhor forma possível a integridade dos locais de escalada, mas pra que isso funcione realmente devemos fazer a nossa parte. Não adianta reclamar da pessoa que conquistou as vias, apontando o dedo pros seus erros, se estamos ali usufruindo do trabalho alheio e não somos capazes de levar embora nem o próprio lixo, fazendo fogo onde é expressamente proibido, ou desrespeitando as regras das áreas privadas e seus respectivos proprietários.

A terceira parte, e a mais polêmica na minha opinião, é a distância entre as chapeletas. Nesse quesito nunca vi um escalador que não tivesse uma opinião ou uma

crítica pra fazer, e eu não sou uma exceção a regra. Aqui se diz muito a frase: "o mundo é bonito porque é diverso" certos escaladores, sejam eles experientes ou neófitos, não podem ver a última chapeleta na altura dos joelhos que se blocam mentalmente, outros escalam como se a distância entre as proteções não fosse um fator de risco. Antes falei do modo como tratamos o meio ambiente, o nosso ambiente de escalada, e a quantidade de furos que fazemos na rocha também interfere como poluição, principalmente visual se exageramos na quantidade. Conhecendo alguns conquistadores não é difícil entender o porque dessa diferença na quantidade de chapas por via, ou seja, cada uma delas reflete o estilo de escalada de quem as conquistou e o grau de comprometimento dos mesmos. Faço como exemplo uma via de 8a+(fr) de 35 metros em Ceuse FR (9 chapas), uma via 8a+(fr) de 35 metros numa falésia de Arco IT (16 chapas). Não quero dizer que uma é melhor equipada que a outra, ou que existe um método de medida para conquistas. Aquilo que não temos como negar é que a via com menos proteções será mais difícil mentalmente do que a outra. O que fazer então? Qual seria a distância "justa" entre as tais proteções? A resposta é o bom senso. Não precisamos vias de "macho man" com uma chapa na saída e outra na "casa do ca....." onde escalar é sinônimo de arriscar a pele, nem daquelas vias de *Coragem* o

cão covarde onde o grau de comprometimento mental foi simplesmente eliminado com uma linha de chapeletas onde é possível clipar em praticamente todos os movimentos. O trabalho bem feito é aquele que leva em consideração certos requisitos como por exemplo: proximidade das chapas na saída da via, diminuindo o risco do escalador cair a terra, possíveis pontos de mosquetonagem durante toda a via, eliminação de zig-zag e conseqüente menos atrito da corda, direcionamento do escalador em caso de quedas, analisar onde é possível distanciar as chapeletas (trechos mais fáceis), para citar alguns. Não toquei no discurso técnico de instalação de uma proteção fixa, penso que seja desnecessário com todos os cursos, vídeos e pessoas habilitadas a repassar todas essas informações.

Pra finalizar, conquistar vias pra mim é uma arte, ok a parede é ali? pronta só esperando, mas é o conquistador que ve a linha e não é atoa que quando se inicia a conquista de uma falésia, a linha que mais chama a atenção é sempre a primeira a se "materializar" e assim por diante. Portanto vai um recado pra galera que conquista e por todo o trabalho, nossa admiração! Para quem está pensando em conquistar, aprenda! E pra quem está pensando só em continuar escalando, respeite! Boas escaladas a todos! Roni Andres tem apoio de Five-Ten.



CASA DE PEDRA

Loja e Ginásio

Agora em um único endereço!

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca, São Paulo, SP
Tel.: 11 98198-8267
www.casadepedra.com.br
www.escaladaindoor.com.br



Futurologia

Texto: Jean Ouriques
Imagem: xandeferreira.com

Começou não tem como fugir. O tempo passa e o treino não feito só acumula, a pele gasta na praia nadando só desfalece, o bronzeado começa a descascar e conta bancária e do bolso da calça só esvaaziando e aquela trip para os EUA ficando mais longe a cada dia com o Trump no salão oval. Se 2016 foi de muitas mudanças para o mundo o de 2017 será de confirmação ou continuidade dessas mudanças, assim se espera. O que isso tem a ver com a escalada brasileira e mundial?

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros pontos de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#hostel
Picus
com.br

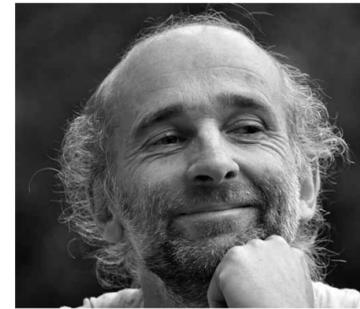
Abrigo de Montanha
(35) 9119.9153
Itamonte - MG

Sei lá! Risos... Mentira, uma mudança radical no mundo competitivo é que de fato estamos vendo e vivendo o primeiro ciclo olímpico da escalada mundial, coisa que em outros esportes mais tradicionais já nem se lembra quando se começou a pensar em olimpíada. Muitos atletas "veteranos" já campeões e jovens também campeões já estão treinando e se preparando da melhor forma possível para o obscuro formato olímpico que provavelmente será um "mexido" das três modalidades, mas quem serão os primeiros campeões olímpicos da escalada esportiva? Adam Ondra, Sean Mcoll, Janja Garnbret, Shauna Coxsey, Jakob Schubert, Domen Skofic, Akiyo Noguchi? Talvez seja um desses atuais escaladores de ponta em competições na atualidade, mas alguns desses já estão na categoria de veteranos, se pensarmos em olimpíadas, e se somar mais 3 anos a idade de cada um, chegaremos a números bem elevados para a competição por medalhas no maior evento do planeta. No último texto, escrevi que não gosto de praticar futurologia, porém como diz o poeta de médico, louco e mãe Dináh todo mundo tem um pouco. Para tal prática necessitamos nos concentrar na nossa bola de cristal particular chamada carinhosamente

de Google e tentar não clicar nos destaques de hoje e focalizar nossa visão futuroológica nos de amanhã para tal foco funcionar temos que procurar mais sobre o Campeonato Mundial juvenil, evento esse que aconteceu na milionária cidade de Guanzhou na China dos dias 7 a 13 de novembro de 2016. Esse evento pode ser o ponto de partida perfeito para o processo de adivinhação estudiosa para futuras apostas sobre os possíveis campeões olímpicos, nomes como os americanos Kai Lightner, Ashima Shiraishi, Brooke Raboutou, esses já muito conhecidos através de vídeos e redes sociais serão presas fáceis para nossa bola de cristal, poderia colocar uma lista gigante de nomes e de pretendentes ao título olímpico, assim ajudaria muito o processo mãe Dináh de você querido leitor, mas como aprendi em casa, a informação não pode vir somente de uma fonte por isso use seu acesso portátil ou fixo a internet e faça você também a sua previsão! Aproveitando o tópico futuroológico em terras tupiniquins pergunto e quem serão os campeões brasileiros de 2017? Dia 8 de abril teremos em São Paulo o Campeonato Brasileiro de boulder na Casa de Pedra e 30 de setembro o Brasileiro de Dificuldade na minha amada Rokaz em Belo Horizonte e esse ano ainda contaremos com campeonatos juvenis separados para boulder e via sendo realizados estes em junho na BBloc em São Bento do Sapucaí e em

agosto na Via Aventura em Curitiba respectivamente. Ano passado me sagrei campeão brasileiro nas duas modalidades. Este ano creio que a tarefa será ainda mais difícil. Sei que todos estão treinando pesado e inevitavelmente mais experientes, um fator importantíssimo em competições, porém também estou nesse grupo que está treinando com foco nas competições brasileiras e sul-americanas, portanto a única coisa que a futurologia pode dizer é que esse ano as finais serão emocionantes e com o nível mais alto que ano passado. Será que dá para usar a bola de cristal google e criar uma lista de possíveis campeões brasileiros de 2017 igual a gente tentará criar sobre a olimpíada? Será que teremos um brasileiro na Olimpíada? Será que um dia a final do brasileiro será tão concorrida como uma final de mundial? Perguntas para o próximo capítulo. Só mais uma coisa lembre-se de não fazer essa pesquisa e nem assistir vídeos enquanto estiver na segurança do seu parceiro seja na rocha ou na academia ou não vacile tentando postar uma história no Instagram porque pode acabar perdendo minutos preciosos de treino, afinal o que importa é escalar e estar com os amigos, principalmente na pedra! Um abraço e nos vemos por aí!

Uma pequena ajuda dos montanhistas



Edson Struminski, mais conhecido como Du Bois (Diboá), é um dos mais representativos escaladores brasileiros. Tanto pelas vias que abriu, quanto pela sua influência no desenvolvimento da escalada "limpa" no país, buscando sempre interferir o menos possível no ambiente que frequentamos, tanto com relação a trilhas quanto com respeito à quantidade de proteções instaladas na pedra. Du Bois também é formado em engenharia florestal e doutor em meio ambiente, área em que atua constantemente, na

busca principalmente de que tenhamos uma interação sustentável com o natureza. Atuando principalmente em diversas áreas da Serra do Mar Paranaense. Recentemente, foi diagnosticado com câncer e gastou seus recursos para agilizar o atendimento da doença agressiva. De maneira que solicita a ajuda dos parceiros de escalada para continuar o tratamento. Você pode contribuir com rifas (<http://www.rifatudo.com.br/vamos-ajudar-o-dubois-rifa-numero-2>), vaquinha (<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/ajude-montanhista-du-bois/contribua>) ou depósito em conta (Banco do Brasil: Agência: 0035-3 CC: 51658-9 - Favorecido: Edson Struminski, CPF: 462 228 209 72)

Agradecemos a todos que puderem contribuir e mandar boas energias para este grande parceiro!
Edemilson M. Padilha

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas

e-commerce: www.bivak.com.br
11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metró Praça da Árvore, São Paulo

BIVAK

O U T F I T T E R

30 anos ATM

Rio nas Montanhas

Campeonato de Boulder • Cine Montanha na Praça
Oficinas e Workshops • Palestras • Muita diversão
Premiação Mosquetão de Ouro • Lançamentos de Livros

Dois dias com muita escalada e montanhismo

Patrocínio: Caminho Aéreo Pão de Açúcar

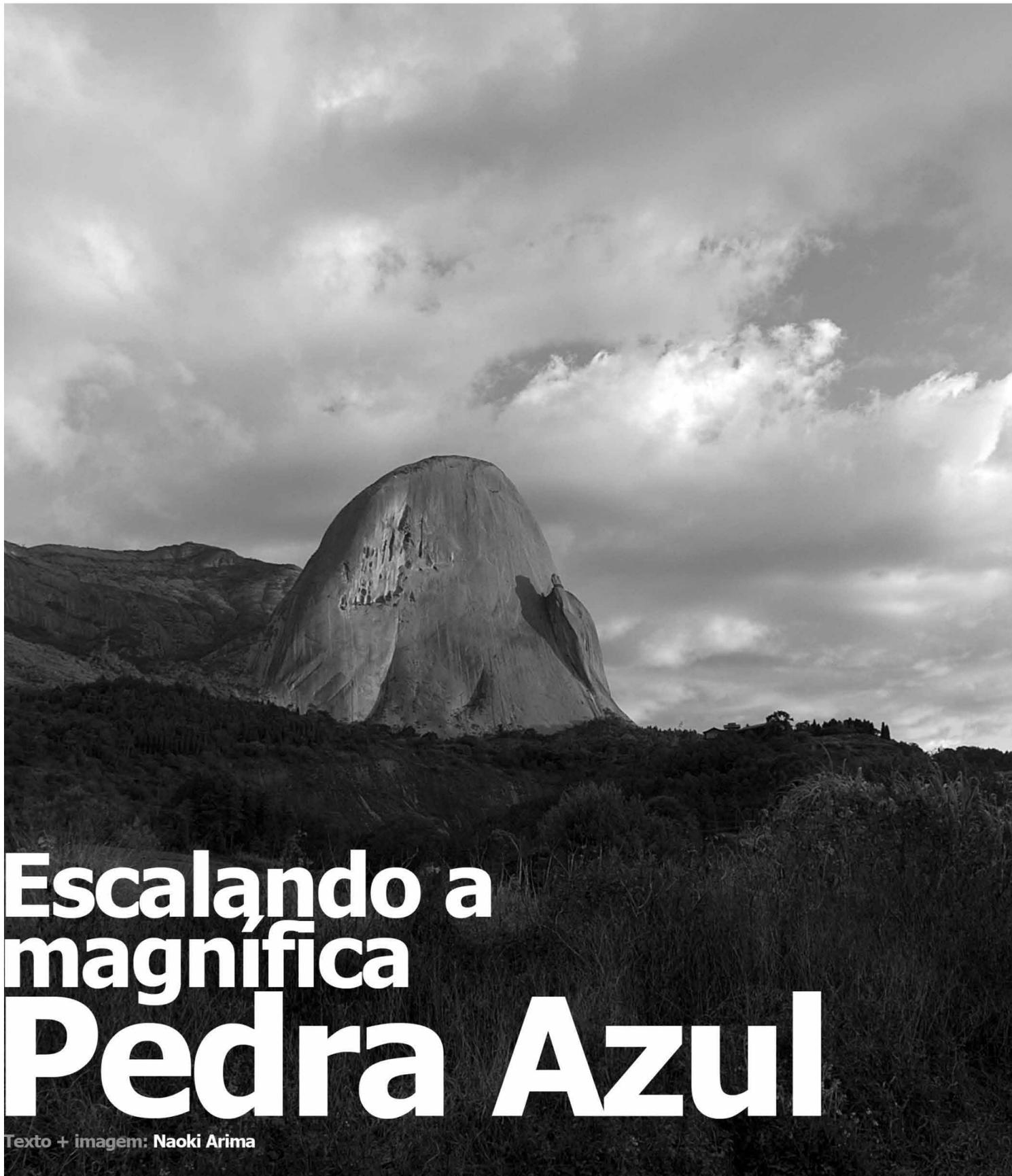
Realização: FEDERACÃO DE ESPORTES DE MONTANHA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Dias 6 e 7 de maio | Praia Vermelha - Urca - Rio de Janeiro

Apoio: Equinox, ESCALADA, SubSub, Alpen Pass, CEMME, Instituto MOLEQUE MATEIRO, Mountain VOICES

Apoio Institucional: Instituto MOLEQUE MATEIRO, de educação ambiental

Divulgação: Mountain VOICES



Escalando a magnífica Pedra Azul

Texto + imagem: Naoki Arima

O estado do Espírito Santo é um dos menores estados do Brasil, ocupa a 23ª colocação em área territorial, mas ainda assim, é maior que países como a Suíça e a Holanda. Geomorfologicamente, 60% de todo o estado fica em região montanhosa com altitude média de 600m. Também é a casa da terceira montanha mais alta do Brasil, o Pico da Bandeira com 2892m de altitude, que fica dentro do Parque Nacional da Serra do Caparaó, na divisa com Minas Gerais.

Fora da Serra do Caparaó, o segundo conjunto de montanhas mais altas da região fica na área central do estado entre os municípios de Castelo e Domingo Martins onde fica o Pico do Forno Grande (2039m) e a Pedra Azul (1822m) respectivamente.

A Pedra Azul é a pedra símbolo do Espírito Santo e é uma das principais atrações turísticas da região serrana do estado. Durante o inverno, milhares de turistas “sobem” a serra em busca de clima mais ameno para “curtir” o frio e provar a gastronomia local. Devido ao microclima da região de Pedra Azul, durante o inverno, a temperatura pode chegar a casa dos 0 graus Celsius.

História

Provavelmente a montanha foi “conquistada” por algum morador local mais atrevido que conseguiu acessar o seu cume pela face sudeste subindo pela frágil linha de vegetação, sem o uso de equipamento de segurança, em uma data desconhecida, mas acredita-se que tenha sido durante a década de 60.

Devido a sua importância estratégica (área de nascente do Rio Jucu), ainda na década de 60 foi criado via decreto, a Reserva Florestal da Pedra Azul, sob administração do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo - IDAF

Já o seu imponente “Lagarto”, que fica “estirado” na face oeste, foi conquistado ao longo de quatro investidas entre os anos de 1974 e 1976 pelos escaladores do Clube Excursionista Brasileiro (CEB), Antonio Dias, Amauri Teles Menezes, Francisco Berardi, Mario Alexandre Filho, Marcello Esposel de Paiva Xavier e Mário Luiz Arnaud.

Na década de oitenta, os guardas-parques do IDAF (José Bellon, Carlos Alberto Canal e José Ângelo Cezati) “construíram”, na face sudeste da montanha, uma escadaria de ferro fixando aproximadamente 130 graus, no intuito de facilitar o acesso ao seu cume.

Em janeiro de 1991 foi criado o Parque Estadual da Pedra Azul, ainda sob coordenação do IDAF. Nesta mesma década, em meados de 1996, os escaladores locais Gilberto Azevedo e Roberto Tristão iniciaram uma conquista pela imponente face leste da pedra, passando por um sistema de fenda muito óbvio que leva a uma sequência de buracos que cabem tranquilamente um carro dentro. Infelizmente durante a conquista da via, o parque proibiu a prática da escalada dentro do parque e a dupla teve que abandonar o projeto pela metade. Diz a lenda que a administração do parque não deixou nem a dupla voltar à via para recolher o resto do equipamento que ficou para trás. Inclusive, lá permanece até os dias de hoje.

Desde então, a escalada na Pedra Azul ficou proibida a qualquer pessoa por quase 20 anos. Isso chega a ser um paradoxo, pois enquanto lá fora, os parques foram criados para proteger e usufruir do espaço, na Pedra Azul os maiores interessados não podiam nem chegar perto da pedra e tinham que buscar outras montanhas fora dos parques em áreas particulares. É claro que mesmo com a proibição, algumas escaladas clandestinas aconteciam durante este período. Inclusive em meados de 2005 foi conquistado uma via (*Mulambo*) na clandestinidade pela canaleta sul do maciço pelo escalador Gilmar Vieira com a ajuda de alguns “comparsas”.

Reconquistar o “espaço roubado” foi um dos pilares para criação da Associação Capixaba de Escalada (ACE) em abril de 2004 que tinha como meta principal unir forças para buscar uma solução junto aos gestores do parque para liberação da escalada.

O processo de negociação foi bastante desgastante e demorado, levando quase 15 anos entre idas e vindas, para que finalmente em 17 de agosto de 2015, fosse publicado no diário oficial, a liberação da prática de escalada pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA), gestora do parque desde 2007.

Com isso, em uma ação inédita e conjunta, os membros da associação em parceria com IEMA, reformularam a antiga escadaria, removendo todos os degraus e as substituído por chapeletas de inox e alguns grampos, para estabelecer ali, uma via de escalada, devolvendo um pouco o espírito de montanha. Assim nasceu a nova via *Normal* da Pedra Azul, graduada em D1, 3o, IV, E1, 295m. Uma via de 6 enfiadas toda protegida em chapeletas com densidade de proteção maior que a média. É importante salientar que o traçado da nova via sofreu algumas alterações em relação à escadaria original com o intuito de preservar a frágil vegetação da montanha.

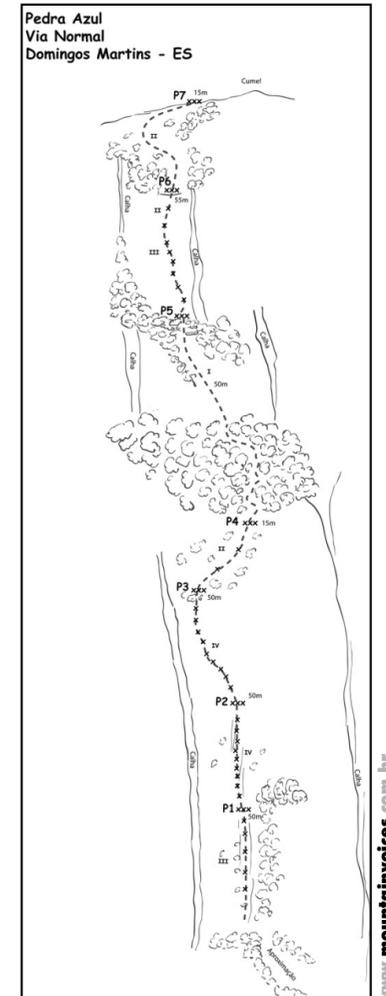
A escalada

Atualmente, a escalada na Pedra Azul está liberada na via *Normal* que leva ao seu cume. A escalada do Lagarto continua proibida pelo parque. A via *Normal* é uma escalada relativamente tranquila e sem grandes dificuldades técnicas, mas que exige experiência de montanha, uma vez que a via fica em ambiente hostil. Para fazer a repetição da via e contemplar a bela paisagem da região do alto do seu cume é preciso respeitar algumas normas do parque como: fazer reserva antecipada pelo telefone ou chegar cedo, pois há restrições quanto ao limite máximo de escaladores por dia; assinar o termo de responsabilidade; e iniciar a caminhada de aproximação dentro do prazo estipulado.

Em termos de equipamento de escalada, duas cordas de 60m, 8 costuras e algumas fitas são o suficiente para repetição. Além do anorak e headlamp, uma vez que o clima nesta montanha é particularmente instável. Aos futuros escaladores que visitarem o Parque Estadual da Pedra Azul, aqui fica um pequeno registro da história de um das montanhas mais emblemática do estado, assim como a luta da comunidade local pelo

direito ao seu acesso e usufruto. Por isso, quando estiver usufruindo deste espaço tenha em mente toda a história e a luta que os escaladores tiveram, respeitando as regras do parque, praticando o mínimo impacto e mantendo uma boa relação com seus funcionários.

Por fim, gostaria de agradecer a colaboração do conselheiro da ACE, Sandro Souza; a um dos fundadores da associação, José Márcio Doriguetto; e ao Oswaldo Badin, que atualmente está redigindo o inédito Guia de Escaladas do Espírito Santo pelas informações e correções para esta matéria.





ASCENDENDO CORDAS FIXAS

TÉCNICA ELISEU FRECHOU



Em paredes positivas ou quase verticais, o sistema de um pé em cada ascensor é o melhor. Em paredes negativas, ou ascendendo no vazio, este método demanda muita força nos braços, como na imagem ao lado.

a do seu braço ligeiramente dobrado, jamais não esticado (o que torna a ascensão trabalhosa). A solteira do ascensor inferior deve ser mais curta - alguns centímetros a menos que o comprimento do antebraço já basta.

Começar a subir é difícil pois a corda precisa ser esticada a fim de deslizar suavemente. A partir do segundo metro, a técnica vai parecendo mais fácil, até que

você comece a dominá-la com fluidez. A dica é que enquanto estiver de pé, ainda no chão com o sistema adequadamente montado, deslize o jumar superior para cima e puxe para baixo para fazer a corda

esticar tanto quanto possível. No início, você pode precisar liberar o came do ascensor inferior para deslizar melhor para cima - apenas libere o came, não o desconecte completamente da corda! Assim, fica mais fácil deslizar o ascensor inferior para cima. Repita várias vezes, até que a corda esteja esticada. A chave para mover-se eficientemente com esta técnica é manter seu peso nos pés. Para subir o corpo, um movimento dinâmico, como o de um balanço, irá facilitar também.

Como com qualquer tipo de escalada, seus braços devem somente prendê-lo verticalmente, enquanto seus pés o impulsionam para cima. Levante-se em seu estibo com os braços dobrados em cerca de altura do peito. Deslize o jumar superior para cima e pise para cima com a mesma perna. Agora deslize suavemente o segundo jumar para cima e force essa perna; Este é o jumar que irá manter o seu peso enquanto você move o jumar superior. Pode ser tentador puxar com o braço depois de deslizar o primeiro jumar, mas você deve se concentrar em empurrar com a perna e simplesmente guiar a parte superior do corpo com o braço. Se você está tendo problemas com isso, deve estar fazendo movimentos longos demais. Diminua o tamanho da solteira de cima e faça movimentos mais curtos. Preserve a força dos seus braços, ou você chegará

exausto na primeira parada

Paredes negativas
Use os dois pés no ascensor: de baixo Esta técnica é muito eficiente, e minha preferida para subir escalada negativas. Você vai instalar os dois estribos no ascensor de baixo, deixando o ascensor de cima com apenas a solteira conectada ao baudrier.

O movimento de subida é como de um sapo. Pode parecer mais lento, mas não é, além de preservar as pernas, que irão trabalhar em conjunto e não separadamente como no sistema anterior

Check list

- + Sempre encorde-se no final da corda de escalada;
- + Sempre use duas solteiras conectadas nos dois ascensores para que caso um falhe, o outro segure seu peso;
- + Faça um back up: a cada 5 metros, faça um nó oito na corda que sai do ascensor de baixo e clipe-o com um mosquetão de trava na sua cadeirinha. Suba mais 5 metros, faça outro nó, clipe-o, soltando e desfazendo em seguida o nó anterior. Fazendo isso, caso haja uma falha nos dois ascensores (!) da corda você não escapará.
- + Seja muito atencioso com eventuais quinas cortantes no traçado da sua corda. Uma corda tensionada e um canto afiado de rocha são uma combinação mortal.

Todo montanhista tem que obrigatoriamente, carregar dois pedaços de cordelete, para numa emergência poder improvisar um sistema de auto-resgate usando nós blocantes como o prussik ou o machard. Mas se você sabe que terá de subir várias cordas fixas, o sistema de nós é muito pouco eficiente para ser usado.

Se você irá escalar grandes paredes que exigem escalada em artificial, a dinâmica é diferente da escalada livre, pois apenas o guia irá escalar. O segundo irá limpar a enfiada usando ascensores, enquanto o guia (já na base), estará se ocupando de outras tarefas. Em conquistas, também é comum fixar cordas nos trechos já escalados, facilitando a descida para lugares mais seguros e confortáveis a noite, e o retorno pelas cordas fixas no dia seguinte para continuar os trabalhos.

só permitirá que a corda viaje em uma direção, a de subida. É suave e fácil de

usar, além de rápido. Se você ainda não tem este equipamento e está considerando comprá-lo, note que há ascensores esquerdo e direito, com acesso de corda em um lado específico. Trocá-los de mão, torna o uso bem complicado, pois ficará difícil abrir ou liberar o came.

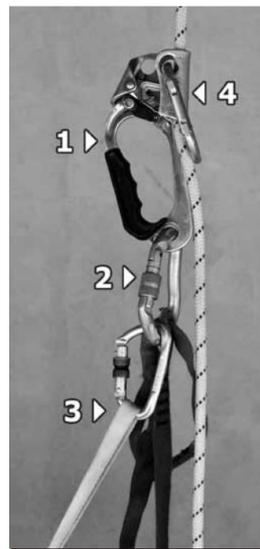
Para ascender com eficiência, você vai precisar de dois ascensores, duas solteiras (modelos ajustáveis são os melhores) ou fitas, dois estribos, mosquetões simples e de trava.

A montagem do sistema segue a ordem: um ascensor instalado na corda para cada mão e pé (o ascensor da mão direita, usado para o pé direito), com um jumar conectado em cada lumar - e uma solteira conectada no baudrier (com nó boca de lobo) e o final da solteira conectada em cada jumar com um mosquetão de trava.

A mão dominante vai no ascensor de cima. O tamanho da solteira de cima, é



Detalhe da conexão correta do ascensor a corda. Note o mosquetão que impede o escape acidental.



1. Ascensor
2. Mosquetão do estribo
3. Mosquetão da solteira
4. Mosquetão de travamento do ascensor a corda.



Workshop Deuter

Eventos gratuitos com a equipe da Deuter Brasil.

Produto técnico demanda conhecimento técnico!

inscreva-se

www.deuter.com.br/workshop





OS PARQUES DO ESPINHAÇO (IV): O RIO DOCE

"Natureza é uma força que inunda como os desertos. Que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece até a paradeira total dos reatores." Manoel de Barros

O Espinhaço apresenta na sua face leste um aspecto mais suave do que nos cerrados altos do oeste. Trata-se da bacia do Rio Doce, onde você conhecerá quatro parques. Dois deles são opostos – o primeiro, com estrutura precária mas natureza sugestiva e desconhecida, e o segundo, uma reserva antiga, estruturada e muito visitada. Os outros dois são pequenos e precários.

Alberto Ortenblad | SP

Sete Salões

O principal acesso à região do PE de Sete Salões é a BR 259 e a maior cidade próxima é Governador Valadares. Embora o Parque se distribua por quatro municípios ao longo do curso médio do Rio Doce, o melhor local para você se alojar é na cidade de Resplendor. Não é tão pequena como Nova Itueta ou Santa Rita nem tão longe como Conselheiro Pena. Este nome tão incrível derivou de uma pedra que não mais existe – ela resplandecia quando iluminada pelo sol poente.

Mas o nome original de Resplendor era Travessia, pois nele as margens do Rio Doce eram mais fundas e próximas, permitindo que cruzassem os índios botocudos e, mais tarde, as tropas de mulas com suas cargas de café. Foi depois construída uma barragem em Aimorés, a quase 30 km de distância, que inundou uma grande área. Mas, devido às altas margens de

Resplendor, apenas criou um belo lago à sua frente.

O PESS foi criado em 1998, junto com tantos outros parques mineiros. O Parque não possui nenhuma estrutura, sequer é cercado ou sinalizado. Conta com apenas cinco funcionários. O PESS é pouco visitado, algumas poucas centenas de pessoas por ano. Conselheiro Pena está ao norte, Santa Rita a oeste e Resplendor ao sul.

Seus 12.520 ha protegem remanescentes de mata atlântica, associada a pequenos campos rupestres e matas de candeias consorciadas, bem como duas dezenas de nascentes, segundo o monitor Juliano Ventorim. Abrange um belo espigão com paredes íngremes e florestadas, que correm num retângulo inclinado no sentido SE-NW.

A flora é expressiva, com presença de árvores de bom cerne, como candeias, perobas, cedros e jacarandás. É interes-

sante como suas encostas recebem as palmeiras brejaúva e indaiá, cujas folhas brilhantes e claras contrastam com o verde cerrado da mata. Os hoje raros urubus rei são lá avistados, bem como as suçuaranas, as jaguatiricas, os bugios e muitas aves. Em resumo, uma natureza preservada bem típica do Sudeste brasileiro.

O Parque possui dois importantes acidentes geográficos. Toda a sua borda leste é limitada pelo Rio Doce, que nasce na Mantiqueira em MG e encontra o mar em Linhares, no ES. Foi ao longo dos seus 850 km que bandeirantes e sertanistas e, mais tarde, naturalistas europeus e fazendeiros de gado penetraram no nosso território. No século passado, serviu de caminho para a ferrovia Vitória-Minas, que hoje interliga o Vale do Aço ao litoral.

Visitei a região antes da tragédia ambiental de Mariana. Sei que hoje as águas do

rio estão cheias de lama e vazias de vida, coloridas por uma cor que nunca tiveram. Dejanira, anciã da aldeia de índios kranak próxima a Resplendor, disse assim numa reportagem: É um silêncio só. Não tem mais vida ali. Nem mais um peixe brincando na água. Foi pedido aos antigos moradores da vila soterrada de Bento Rodrigues que contassem o que gostariam de levar dela – e (entre outros) escreveram que eram as serenatas, os vizinhos, o banco de pedra da praça, o cemitério e a vida livre.

Mas é o segundo acidente que nos interessa: a crista quartzítica que atravessa o centro do Parque, num belo perfil aproximadamente retilíneo, desde Resplendor até Conselheiro Pena. Se você subir nos altos da primeira destas cidades, poderá descortinar a trajetória da serra, recoberta pela massa escura da vegetação. O Parque incorporou as encostas e vales à crista, porém nenhuma de suas terras foi ainda indenizada.

O principal atrativo do Parque é uma gruta arenítica, que recebeu o nome de Sete Salões. Conta-se que tinha mais de trinta, até que um desabamento fechou algumas delas - grutas em arenito costumam desabar. Seu acesso é por Santa Rita, a cerca de 30 km de Resplendor, dos quais 1/3 em terra. A trilha começa numa bucólica roça de café, subindo íngrememente numa mata rala, até uma laje rochosa (930m). Aqui é um belo panorama, com as encostas verdejantes da serra à sua frente, a parede da gruta visível levemente à direita e um certo pico lá em cima esperando por sua visita. Daqui você voltará a penetrar na mata, agora bem mais densa, até encontrar a parede da gruta, menos de 2½ km após a partida.

É um espaço bonito, com uma boca ampla, mas a passagem entre os salões é feita por tuneis progressivamente menores. Você terá de ser bem corajoso (ou magriçela) para passar do quarto salão. Têm uma amplidão impactante, mas, por não serem carbonáticos, deixam de apresentar aquelas decorações bonitas.

Então, antes de voltar à mata, você avisou lá da laje rochosa o desenho pontuado, rochoso e escuro do Pico do Garrafão

ou Sete Salões. A meu ver, ele é o atrativo mais interessante do Parque. Com 1.145m, é o seu ponto culminante - mas não o da região, parece haver na Serra da Onça uma formação 15m mais alta. A razão de minha preferência é que uma gruta de arenito não me parece páreo para uma montanha de quartzito.

É fácil chegar lá a partir da gruta: basta contorná-la à direita e continuar subindo por mais 1½ km, até uma linda laje frontal à parede final. A vista do pequeno cume é muito interessante, com vistas do Pico Ibituruna em Valadares, das vilas à volta do rio e dos pontões de Pancas. Falarei mais dele em outro artigo.

Mas você verá também a Serra de Santa Rita, que me parece o mais interessante visual de toda esta região. São grandes formações rochosas com perfis muito bonitos de pontões e corcovas, naquela agradável coloração cinzenta que o bom granito costuma apresentar. Lembrem as amplas formas da Serra dos Órgãos em Friburgo. No seu sopé há lavouras de café, com arbustos do mais forte verde, cuidadosamente alinhados em estreitas ruas. E, acima delas, aquele quente céu que ilumina a beleza da paisagem.

Rio Doce

Mas existe um outro parque também associado ao Rio Doce. Descubra que o PE do Rio Doce é o inverso do de Sete Salões: é muito antigo, datando de 1944, muito grande, com 35.970 ha e muito bem estruturado, com camping, alojamento, centro de visitantes e restaurante. É circundado por grandes cidades ligadas à indústria do aço, não por tímidos povoados no vale médio do rio. E, claro, é muito visitado, principalmente por estudantes. Fica em Timóteo, com acesso por boa estrada de terra. É recoberto por grandes árvores da mata atlântica, em especial vinháticos, garapas e jequitibás, e composto por cerca de quarenta lagoas, formadas por uma depressão no planalto, curiosamente sem nenhuma ligação com o rio. A maior delas homenageia o então Arcebispo de Mariana Dom Helvécio, que pioneiramente defendeu a preservação das matas virgens mineiras. De seu esforço resultou a fundação deste que é o primeiro parque criado em Minas e o até hoje maior deles aberto à visitação. Percorrendo rapidamente a abundante estrutura do Parque, fiquei pensando porque é tão desigual a organização das reservas mineiras.

Rio Doce, Ibitipoca ou Brigadeiro são bem estruturados, mas muitos outros parecem abandonados. Mas não se anime: o PE do Rio Doce não é voltado ao andarilho curioso e sim ao sossego e à contemplação, pois a pesca nas lagoas é permitida

e sua única trilha anunciada é infelizmente mínima.

Candonga

O PE as Serra da Candonga foi criado em 1998 com 3.300 ha, sendo uma das menores unidades de conservação de Minas. Situa-se a 13 km Guanhães, a antiga São Miguel e Almas, uma cidade média que é um centro regional, a 70 km de Serro por asfalto.

Por pertencer à vertente leste do Espinhaço, não apresenta um relevo montanhoso e sim levemente ondulado. Seu ponto mais elevado é a Pedra do Urubu (1.165m), no lado norte de uma pequena serra com cerca de 8 km. Ela pode ser alcançada por uma caminhada moderadamente ascendente de 2 km. Entretanto, o ponto culminante da região não é este, e sim o Morro do Quartel, que você avistará logo à frente do cume do Urubu.

O PESC é ocupado pela mata atlântica, com pastos e matas. Nestas são encontradas árvores de madeira de lei. A fauna é típica deste bioma, com mamíferos de pequeno porte, havendo presença de espécies maiores ameaçadas, como onças, lobos e tamanduás. As aves são abundantes. Embora não seja especial, a Candonga tem um visual interessante, dividido entre a área serrana ao norte e as matas e pastos ao sul. Conheci-o um tanto superficialmente, percorrendo 15 km a pé ou de carro. Suas muitas nascentes (mais de 40) pertencem à bacia do Santo Antônio, afluente do Rio Doce. Devido à ocupação agropastoril anterior, abriga cerca de uma dezena de represas. Mas a principal razão para a criação do PE foi a preservação Fazenda Candonga, com remanescentes das minas de ouro exploradas pelos ingleses. Este nome curioso provavelmente representa um local de refúgio de escravos (embora tenha também o significado de fingimento e intriga, segundo o monitor André Firmiano).

Ocupamos a Candonga e queremos criar nossas famílias aqui, além de cultivar e preservar o meio ambiente, não pretendemos sair, disse o cacique Pataxó que invadiu anos atrás as terras do norte do Parque. São (ou eram) 35 índios, principalmente crianças e mulheres, vindos de uma fazenda próxima, onde diziam não dispor de espaço suficiente. A situação não foi até hoje resolvida e há até mesmo proposta de retalhar o Parque. Enquanto isto, o amável cacique Zuza ocupa com certo conforto a antiga sede da Fazenda Candonga.

A Vale era dona das terras no centro e sul do Parque e as vendeu para fazendeiros pecuaristas. Apesar disto, hoje 75% da área

é ocupada por florestas, que cresceram depois da criação do PESC. Caso os índios sejam desalojados, o Parque poderá ser viável, pela compra das propriedades. Por enquanto, o Candonga conta com apenas quatro funcionários e cinco brigadistas, não tendo nem estrutura nem visitação. O que é lamentável, dado o aspecto gentil de sua natureza.

O Rio Corrente

O Parque Estadual do Rio Corrente foi também criado em 1998, com modestos 5.060 ha. Resultou de uma antiga fazenda da Acesita (agora Arcelor), ainda hoje dedicada à agricultura e pecuária. Cerca de 60% da área total é ocupada por um fazendeiro invasor, havendo outro com menos de 10%.

Localiza-se no município de Açucena, 65 km ao norte de Ipatinga. A origem desta vila é interessante, pois surgiu como um reduto de malfeitores vindos desde o Serro até Ipatinga. Na realidade, a sede fica no vilarejo de Feliciana, a 20 km por terra. De lá, deve-se seguir por 24 km no rumo de Boa Vista, em vias precárias.

Tem a mesma situação geográfica do Candonga, recoberto por vegetação de mata atlântica e pouco montanhoso, com elevações de até 1.000m - provavelmente a altitude média é da ordem de 450m. A cobertura vegetal conta com variedades típicas da mata atlântica, bem como espécies devastadas no passado e hoje recuperadas, como os belos vinháticos e jacarandás. A fauna reúne aves diversas e pequenos mamíferos.

No passado, quando eram expulsos, os grileiros punham fogo nas roças. Disto decorreu a atual cobertura de floresta secundária, que impressiona por sua densidade. Entretanto, não é uma região bonita como o Candonga – pelo que percebi nos 100 km que percorri, os melhores visuais ocorrem exatamente ao longo das pastagens, com o contraste entre os vales planos e as serras verdejantes. São apenas quatro funcionários, sem nenhuma estrutura, nem mesmo brigadistas.

Nele também ocorrem várias nascentes, que neste caso correm para o Rio Corrente Grande. É impressionante como a rede hídrica contém tantos córregos, que parecem seguir em todas as direções. Por estar mais a leste da Serra da Candonga, o Corrente é um afluente direto do Doce, que drena a vertente oriental do Espinhaço. É um belo rio, às vezes encachoeirado, com o tamanho razoável de 200 km.

Foi até certo ponto para proteger sua bacia degradada que o Parque foi criado.

Também aqui ocorreu invasão de pataxós, na mesma época e pelo mesmo motivo do Candonga. São 80 os índios invasores, mas aqui de comportamento arredo e belicoso. Segundo o IEF, os fazendeiros degradam águas e matas, mas os índios ao contrário vivem em harmonia com o ambiente. Há intenções de desmembrar uma parte do Parque para acolher estes bondosos silvícolas.

Mas a situação é complicada, pois o território do PE só pode ser recebido da Arcelor se estiver desimpedido. Até certo ponto, mais parece uma grande fazenda, com residências e currais, bovinos ocupando pastagens e alguns poucos remanescentes de mata atlântica. De tantas reservas que conheci, esta foi a que me pareceu a mais despossuída.

No próximo capítulo, o Espinhaço chegará ao meio de seu caminho em Diamantina e, a partir dela, assumirá uma orientação retilínea que irá acompanhá-lo até a divisa de Minas.

Alberto Ortenblad, São Paulo
ortenblad@terra.com.br



14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br

Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801

GENUINAMENTE
ARTESANAL
 PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3%ABV | 40 IBU
 BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
 RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
 WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



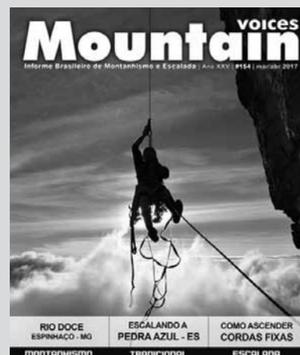
LOJA DE FÁBRICA:
 ESTR. SERRANOS, KM2
 SÃO BENTO SAPUCAÍ
 (12) 3971.1470



Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editor: Eliseu Frechou
 Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
 E-mail: contato@montanhismus.com.br
 Web site: www.mountainvoices.com.br
 Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Marcio Bruno subindo as cordas fixas no Monte Roraima. Imagem: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/10/2017.

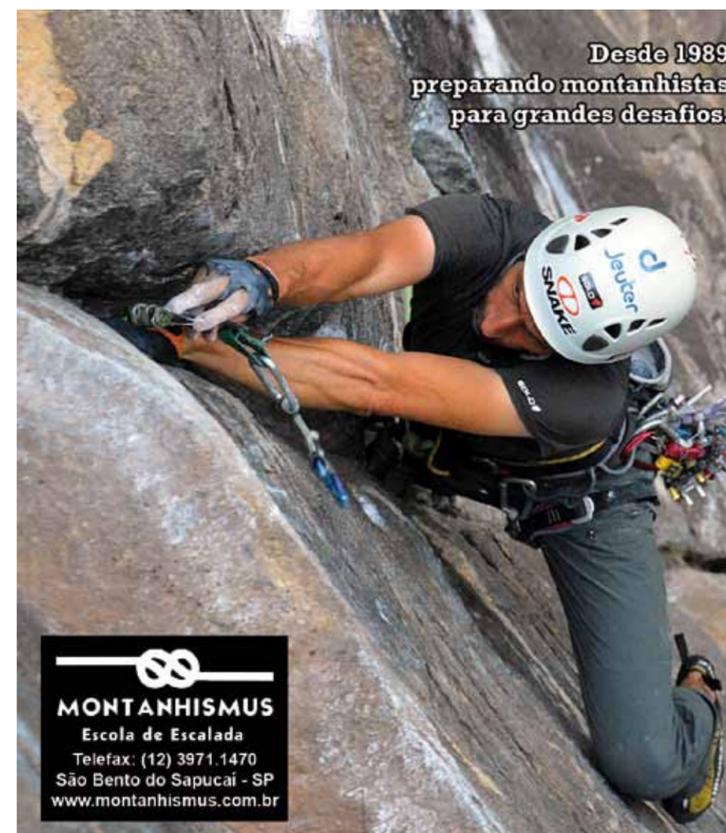
Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....).....
 E-mail.....
 Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

154

Total00



CONQUISTA  PRODUTO BRASILEIRO ORGULHO NACIONAL

ACREDITE NO PODER DA AVENTURA E VIVA ESSA CONQUISTA.

Jonas Leffek - (Via Superphaut 10a) Foto: Marcos Cors

CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR
 FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990
 INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO



THE EVOLUTION OF
ADVENTURE FOOTWEAR.



ANDINA


SNAKE
WWW.SNAKE.COM.BR